



---

O CRISTIANISMO COMO PATOLOGIA NAS TEORIAS  
DE FEUERBACH E NIETZSCHE

---

---

CHRISTIANITY AS PATHOLOGY IN FEUERBACH AND  
NIETZSCHE THEORIES

---

Pedro Lucas Bonfá Ramos<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este texto examina a religião cristã como doença nas perspectivas de Feuerbach e Nietzsche. Partindo do pressuposto de que as duas teorias criticam veemente a religião cristã, os filósofos alemães analisam o cristianismo de forma em que os dois pensamentos se movem em registros distintos e nem sempre compatíveis, mas as duas filosofias dialogam entre si no que tange às patologias causadas por tal religião. Tomando como referências as obras: *A essência do cristianismo*, de Ludwig Feuerbach e *O Anticristo*, de Friedrich Nietzsche, este artigo discute quais são as patologias que o ser humano adquiriu ao longo dos séculos promovidos pelo cristianismo e qual é o remédio para tais enfermidades.

**Palavras-chave:** Feuerbach. Nietzsche. Religião. Cristianismo. Patologia.

**ABSTRACT**

This text examines the Christian religion as a disease from the perspectives of Feuerbach and Nietzsche. Assuming that the two theories vehemently criticize the Christian religion, German philosophers analyze Christianity in a way that the two thoughts move in different registers and not always compatible, but the two philosophies dialogue with each other regarding the pathologies caused for such a religion. Taking as references the works: *The Essence of Christianity*, by Ludwig Feuerbach and *The Antichrist*, by Friedrich Nietzsche, this article discusses the pathologies that human beings acquired over the centuries promoted by Christianity and what is the remedy for such illnesses.

**Keywords:** Feuerbach. Nietzsche. Christianity. Religion. Pathology.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: pedrobonfa77@hotmail.com.

## Introdução

O presente texto tem o intuito de expor uma análise da crítica da religião cristã nos pensamentos dos filósofos alemães Feuerbach e Nietzsche. As interpretações que os dois filósofos deram para o homem cristão estabelece uma cisão entre homem e natureza. Essa cisão é responsável por causar inúmeras doenças no indivíduo que tem a crença em um além-mundo, em um paraíso, criado por um Deus, que é perfeito, tem uma existência em si mesma e poderes sobrenaturais. Para Feuerbach, Deus é uma representação, é uma projeção de nós mesmos. Deus é sujeito, a natureza e o homem são predicados. Deus é uma criação humana e os atributos que damos a Deus pertencem ao homem. No pensamento nietzschiano, a crença no Deus cristão não é mais que um reflexo do corpo, uma doença de indivíduos cansados que inventaram um ser absoluto e criador de tudo para mitigar esse mal-estar e encontrar um consolo em um mundo que promete a vida eterna, sem dor e sem sofrimento.

Portanto, pretende-se apresentar nesse texto, a reflexão da problemática do cristianismo e sua relação com o ser humano em Feuerbach e Nietzsche, esclarecendo como ambos invocam uma nova e radical forma de enxergar a religião cristã e os efeitos devastadores causados no homem. Inicialmente, o pensamento de Feuerbach será analisado e exposto de forma que compreender-se-á como o pensador interpreta a religião cristã e as consequências que a mesma causa no homem. Após exposta e fundamentada a teoria de Feuerbach, será feita a interpretação nietzschiana sobre o cristianismo e como o filósofo de *Assim Falou Zaratustra*, utilizando-se do corpo como fio condutor, conduzirá seu pensamento para uma transvaloração dos valores.

### 1 O cristianismo é uma patologia psíquica na concepção feurbachiana

O filósofo alemão, Ludwig Feuerbach, parte do princípio de que o homem, por ter uma sensação limitadora diante da natureza, tende a suscitar uma alienação que o faz criar um ser divino para superar tais limitações. A natureza, para a religião cristã, é instrumentalizada para suprir as necessidades do homem, tornando-se um

simples produto orgânico. Fazendo uma análise antropológica<sup>2</sup> da essência do cristianismo, o pensador mostra que essa essência é apenas uma projeção da subjetividade do homem em um ser exterior a ele, que nada mais é que uma representação, um ideal que tem como primazia a liberdade humana. “Em sua obra principal, *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach mostra que o Cristianismo coloca no seu cume um deus pessoal, ilimitado, que cria através do ‘puro pensar’ e do ‘querer’ a natureza e o homem” (CHAGAS, 2014, p. 79). Porém, tal projeção faz com que o homem se separe da natureza tendo em vista um outro mundo além deste, eterno e desprovido de sofrimento.

Este conceito teológico de Deus é apenas uma representação sem realidade, na verdade, representação da sensibilidade, separada de todas as determinações do espaço e do tempo, através das quais um ser existente deve, primeiro, necessariamente ser localizado. Se os predicados divinos são determinações da sensibilidade humana, poder-se-ia disso deduzir que o sujeito (=Deus) destes predicados é humano (CHAGAS, 2010, p. 70).

Na tese de Feuerbach, o homem cristão não é um ser distinto de Deus, mas é o próprio Deus. O homem cria, projeta para si um ser infinito que é ele mesmo, ou seja, um ser finito sublima subjetivamente um ser infinito e absoluto. “O conhecimento do homem de deus é o saber do homem de si mesmo; não foi deus que criou o homem, mas o homem quem criou deus a sua imagem e semelhança” (CHAGAS, 2014, p. 79). Portanto, todas as afirmações que o homem faz sobre Deus como: Ser infinito, poderoso, belo, bom, piedoso, compassivo e criador são afirmações sobre ele mesmo.

Melhor dizendo: ele realiza nela sua essência, embora ele não reconheça o objeto como produto de sua atividade. A *intention* de Feuerbach, particularmente frente à religião, que considera seu objeto como sobrehumano, consiste em provar que a oposição entre o divino (sagrado) e

---

<sup>2</sup> “Todavia, Feuerbach não lança as bases de um antropocentrismo, ele visa restituir o lugar de direito do homem no mundo e na filosofia (ver: SERRÃO, Adriana. A humanidade da razão: projeto de uma antropologia integral em Ludwig Feuerbach. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbekian, 1998). Elabora suas críticas tendo como propósito maior a fundamentação de uma nova filosofia (ver: FEUERBACH, Ludwig. Princípios da Filosofia do Futuro. In: Filosofia da Sensibilidade – Escritos (1839-1846). Trad. do alemão por Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa, Portugal: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.) e a atuação ativa do homem em sociedade, que visa o respeito da sua constituição natural e, de maneira geral, da natureza como um todo maior e onipotente. Para tanto, faz-se necessário empreender-se numa árdua busca pela emancipação da consciência humana” (MELO, 2011, p. 225).

o humano (profano) é ilusória (illusorisch), porquanto o conteúdo da religião (cristã) é inteiramente humano (CHAGAS, 2014, p. 80).

Nas obras posteriores à *A essência do cristianismo (1841)*, “Feuerbach nos traz em *A Essência da Religião (1846)* e nas *Preleções sobre A essência da Religião (1851)*, uma reflexão filosófica que tenta suprir a relação Homem-Natureza que, de certo modo, foi negligenciada pela obra de 1841” (GOMES, 2011, p. 225). De uma forma mais abrangente o autor trata da natureza como um mero instrumento para o cristianismo, colocando-a inferior diante do homem e este supervalorizando sua existência criada por um ser divino e superior. A negação da natureza empreendida pela religião cristã é a negação do mundo real, verdadeiro e natural.

Na filosofia de Feuerbach, pode-se afirmar, em geral, que Deus está associado a um nome que o homem usa para expressar ou a sua própria essência ou a essência da natureza. No Cristianismo, o homem se concentra apenas em si mesmo, pois ele desliga-se da conexão com a natureza e faz de si uma essência absoluta e sobrenatural. A separação da natureza é, por conseguinte, o ideal essencial do Cristianismo: o cristão desdenha o mundo, por exemplo, pela sua fé no fim do mundo; ele nega a natureza, pois esta significa a finitude, a transitoriedade e nulidade de sua existência (CHAGAS, 2014, p. 79).

O cristianismo encravou na consciência humana seus pregos dogmáticos que o mundo natural é um antro de sofrimentos e mazelas para o homem. Seu destino é um além-mundo sem miséria, sem transitoriedade e sofrimento. A natureza servirá somente para usufruir dos seus bens naturais. Assim, o cristianismo decreta a negação da natureza em detrimento de um mundo ilusório causando uma alienação, uma submissão do homem diante de um Deus que, para Feuerbach é apenas uma representação, uma invenção do homem, porque as qualidades de Deus pertencem ao homem.

De acordo com o entendimento de Feuerbach, no Cristianismo, Deus é, na verdade, o conceito do gênero enquanto indivíduo, isto é, ele é o gênero que está livre de todas as imperfeições do indivíduo e é outra vez, simultaneamente, uma essência individual, pessoal. Deus representa para o Cristianismo o gênero que é nada mais do que a subjetividade absoluta, pura, isto é, livre de todos os limites da natureza (CHAGAS, 2010, p. 59).

Para Feuerbach, a existência do homem só é verdadeiramente efetivada na natureza, porque ele é natureza, uma natureza consciente de si que tem necessidades e é finito e transitório como o mundo natural. A cisão que o cristianismo

faz entre o homem e a natureza deixa o indivíduo doente. O cristão afirmando a existência de um Deus criador, nega a natureza como criadora de si mesma. Essa afirmação (Deus criador) desenvolvida ao longo dos séculos pelo cristianismo afastou o homem de sua corporeidade, de sua sensibilidade e sua sexualidade foi reprimida em função de uma vida pós-morte que tem aversão à natureza. A religião desloca a vida dos domínios da natureza e a coloca em uma vida de ilusões reduzindo radicalmente as necessidades do ser humano, causando enfermidades psíquicas que o enfraquecem, porque o homem separado da natureza não é nada.

## 2 O cristianismo como patologia do corpo na concepção nietzschiana

O cristianismo é alvo dos ataques de Nietzsche em diversas obras de sua vida intelectual, sobretudo, no livro *O Anticristo*, de 1888, do terceiro período do filósofo alemão, onde sua crítica será hipertrofiada. Criticar a religião cristã é criticar a cultura ocidental, na perspectiva do autor de *Assim Falou Zaratustra*. O cristianismo é a base de todos os valores hodiernos, desenvolvendo e transformando toda uma civilização em “espíritos de rebanho<sup>3</sup>”, subjugados, domesticados e doentes. Sendo assim, o cristianismo é a religião da decadência.

O conceito de *décadence*, na interpretação de Nietzsche, é uma composição negativa da estrutura fisiológica<sup>4</sup> do indivíduo, é a causa dos males do homem e da degenerescência de uma civilização. Portanto, a *décadence* é a outra margem da vontade de poder. Quando falta poder no indivíduo, o declínio está presente. É um processo negativo de um estado fisiológico que poderá causar interpretações sobre a existência de valores que transcendem a vida, a natureza e o corpo. Os impulsos que potencializam a vida são impedidos de se manifestar, são embotados por uma estrutura fisiológica doente, seus *quanta* de potência são bloqueados causando uma inércia diante da vida. A vida deixa de procurar a superação para encontrar uma

---

<sup>3</sup> “Nietzsche vê os agrupamentos humanos como complexos de cultura: a cultura envolve todos os tipos de expressão humana, e esses não estão isolados uns dos outros; não há separações entre produções espirituais e materiais. [...] Como exemplo, temos o modo de existência cristão, ligado à moral de rebanho, uma cultura insuficiente. Com a doutrina da vontade de potência, essa abordagem aprofunda-se, tornando-se fisiológica, ou seja, assume a perspectiva da dinâmica de forças ou impulsos em luta por mais potência” (FREZZATTI, 2016, p. 174).

<sup>4</sup> “Há um uso da palavra “fisiologia” que é propriamente nietzschiano e ocorre no contexto da doutrina da vontade de potência; ele está fortemente ligado à noção de fisiopsicologia: processos fisiológicos enquanto luta de *quanta* de potência (impulso ou força) por crescimento” (FREZZATTI, 2016, p. 237).

desestruturação generalizada no indivíduo, na espécie como um todo e na cultura de uma civilização.<sup>5</sup>

Dito isso, é possível inserir efetivamente Nietzsche em uma importância significativa na história da consciência cristã a partir da seguinte indagação: será, na perspectiva nietzschiana, o cristianismo capaz de dizer sim à vida? Para responder a esta questão, o filósofo alemão sustenta que é possível avaliar a moral e os valores por meio de sua relação com a própria experiência, analisando quais as condições vitais que ela acarreta. “O que é Bom? – Tudo que eleva o sentimento de poder. O que é mau? – Tudo o que vem da fraqueza” (NIETZSCHE, 2016, p. 10). Força e saúde, no pensamento do autor de *O Anticristo*, fomentam a intensificação das condições vitais, enquanto o seu oposto impulsiona os povos e os indivíduos às debilidades e às fraquezas, deixando-os doentes e fragilizados.

No cristianismo, os instintos dos sujeitados e oprimidos vêm ao primeiro plano: são as classes mais baixas que nele buscam a salvação. Nele a casuística do pecado, a autocrítica, a inquisição da consciência é praticada como *ocupação*, como remédio para o tédio; nenê um afeto em relação a um poderoso, chamado “Deus”, é continuamente sustentado (mediante a oração); nele o mais elevado é visto como inatingível, como dádiva, como “graça”. [...] Nele o corpo é desprezado, a higiene é repudiada como sensualidade (NIETZSCHE, 2016, p. 14).

Nas últimas obras do pensador, especialmente em *O Anticristo*, encontram-se referências que denunciam os aspectos patológicos da moralidade cristã, causando enfermidades profundas no seio da cultura ocidental. Sendo assim, a extirpação desse mal deve ser feita na sua origem por um médico-filósofo<sup>6</sup>: “Ser médico nisso, ser implacável nisso, nisso manejar o bisturi – eis algo que diz respeito a nós, é a nossa

<sup>5</sup> “Cumpra sublinhar, a esse respeito, que a própria língua alemã estabelece uma oposição entre os termos *Zivilisation* e *Kultur*: o primeiro, denotando as condições práticas e materiais que distingue a vida de uma sociedade; o segundo, por sua vez, remetendo ao consagrado âmbito formado pelo intelectual e espiritual. Nietzsche, de seu lado, procura repensar a consagrada distinção escrupulosa entre a probidade intelectual e a mundanidade da vida material, ou seja, a partir da oposição idealista entre domínio teórico e os interesses práticos, mas sob o influxo de uma noção incomparavelmente mais englobante” (BARROS, 2002, p. 71).

<sup>6</sup> Wotling (1995) assinala que a imagem do “médico da cultura”, que caracteriza a tarefa do filósofo, conforme a proposta metodológica nietzschiana, já se encontra na primeira fase de sua obra, notadamente em anotações do inverno de 1872-3: “Desde seus primeiros textos, o projeto filosófico é determinado nitidamente: efetivamente, nas notas do inverno 1872-3 ele define pela primeira vez a tarefa específica do filósofo através do modelo médico: O filósofo como médico da civilização”. (WOTLING, 2013, p. 111-112).

espécie de amor ao próximo, dessa maneira é que somos filósofos, nós os hiperbóreos!” (NIETZSCHE, 2016, p. 14).

O médico-filósofo, mais do que discutir os valores formais e lógicos que lhe são fornecidos, como um sintomatologista<sup>7</sup>, deve interpretar os sintomas de doença ou de saúde de uma civilização tentando diagnosticar as motivações e as mazelas que foram inseridas na sociedade, sobretudo pelo cristianismo. Somente por meio da *transvaloração dos valores*, a vontade de poder virá à luz em toda uma cultura. Então, Nietzsche expõe:

O que é felicidade? – O sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência é superada. Não a satisfação, mas mais poder; sobretudo não a paz, mas a guerra; não a virtude, mas a capacidade (virtude à maneira da Renascença, *virtù*, virtude isenta de moralina). Os fracos e malogrados devem perecer: primeiro princípio de nosso amor aos homens. E deve-se ajuda-los nisso. O que é o mais nocivo que qual quer vício? – A ativa compaixão por todos os malogrados e fracos – o cristianismo... (NIETZSCHE, 2016, p. 10).

Já que a imagem do médico-filósofo alude à necessidade de inquirir os impulsos inconscientes e os estados de saúde que corroboram para os mais complexos e diversos pensamentos, é necessário auscultar as condições vitais que foram determinantes para os estados de saúde da humanidade e que geraram esses valores decadentes. É possível perceber que o filósofo alemão não está preocupado com a sequência dos seres. “O problema que aqui coloco não é o que sucederá a humanidade na sequência dos seres [...], mas sim que tipo de homem deve-se *cultivar*, deve-se *querer*, como de mais alto valor, mais digno de vida, mais certo de futuro” (NIETZSCHE, 2016, p. 11).

Observa-se que a proposta genealógica<sup>8</sup> do pensador de Sils-Maria será avaliar os valores através da perspectiva da vida, mais especificamente considerando o corpo como o fio condutor responsável pela sua interpretação. Para Nietzsche, o

---

<sup>7</sup> “Sintomas são sinais (*Zeichen*) de algo mais profundo do que está aparente ou que se consegue ou se quer considerar [...]. A fisiologia nietzschiana, enquanto morfologia e doutrina do desenvolvimento [Entwicklungslehre] da vontade de potência, e o procedimento genealógico pretendem investigar e diagnosticar configurações de impulsos ou forças por meio de seus sintomas, isto é, por meio de suas produções” (FREZZATTI, 2016, p. 378).

<sup>8</sup> “O método genealógico, desenvolvido claramente em 1887 com a publicação de *Genealogia da Moral*, aprofunda a estratégia interpretativa nietzschiana – que questiona todos os ídolos do pensamento ocidental – de analisar as ideias conforme a sua origem orgânica, considerando-as sintomas de força ou de saúde” (BARRENECHEA, 2009, p. 59).



corpo será a base para tais interpretações, posto que os valores e as ideias são oriundos das experiências vividas, então cabe perguntar: como o cristianismo depositou, por todos esses séculos, valores e ideias que, ao terem a pretensão de ser “verdadeiros”, impuseram ao animal homem que a verdade reside apenas em um além-mundo, em uma ordem superior distante da terra, ou seja, fora do alcance da sua existência concreta? Frente a isso, o filósofo alemão apresenta um tipo de homem que seria o oposto do “cristão”, um tipo mais elevado, “algo que, em relação à humanidade é uma espécie de além-homem” (NIETZSCHE, 2016, p. 11).

Após deparar-se com esses questionamentos, é indispensável perceber a importância de analisar o que é desvantajoso, malgrado e fraco, tanto para o indivíduo quanto para a espécie. É sob este fundo problematizador que Nietzsche destaca que, por mais que durante séculos se tenham negado os instintos superiores e colocado em evidência “aquilo que contraria os instintos de conservação da vida” (NIETZSCHE, 2016, p. 12), o cristianismo continua incansavelmente cravejando, incrustando seus valores de declínio na humanidade.

[...] pois todos temos ainda no corpo, de algum modo, os instintos ruins, cristão -, o olhar livre ante a realidade, a mão cautelosa, a paciência e a seriedade nas menores coisas, toda a *retidão* do conhecimento – isso já estava presente! Havia mais de dois mil anos! E, além disso, a finura no tato e no gosto! Não como treino cerebral! [...] Mas como corpo, gesto, instinto – numa palavra, como realidade [...] *tudo em vão!* (NIETZSCHE, 2016, p. 75).

Nietzsche sustenta que tudo aquilo que vivenciamos e experimentamos está diretamente ligado aos nossos impulsos e aos nossos afetos. A vida é, para ele, acúmulo de força e poder. Os valores niilistas, para o filósofo, são valores decadentes e de declínio. Quando o indivíduo está corrompido é quando ele perde seus instintos, isto é, quando escolhe o que lhe é mais desfavorável e desvantajoso. Na ótica do filósofo, o sentimento de compaixão é um dos conceitos cristãos que mais expressa e manifesta esses afetos e valores de declínio.

Em termos bem gerais, a compaixão entrava a lei da evolução, que é a lei da *seleção*. Conserva o que está maduro para o desaparecimento, peleja a favor dos deserdados e condenados a vida, pela abundância dos malgradados de toda a espécie que *mantém* vivos, dá a vida mesmo um aspecto sombrio e questionável (NIETZSCHE, 2016, p. 13).



A compaixão para Nietzsche é um dos conceitos cristãos mais devastadores para o ser humano, porque causa no indivíduo um sentimento de tristeza, um enfraquecimento dos instintos causados por outrem. Onde não existia dor, passa a existir. O filósofo alemão apresenta esse conceito de forma vertiginosamente negativa para o animal homem, já que os indivíduos compassivos podem ser comparados com doentes; seus instintos exprimem total negação da vida levando-os ao declínio, ao nada. A compaixão, segundo Nietzsche, não ameniza, não cessa o sofrimento, mas tende a aumentá-lo, “uma vez que a compaixão é definida como o sofrimento causado em quem observa a dor alheia, teríamos de entender que ela provoca dor em quem não sofria (NETO, 2016, p. 147). É por isso que Nietzsche não aceita mais esses valores decadentes que vêm encobrendo, iludindo o homem por mais de dois mil anos.

O cristianismo é chamado de religião da *compaixão*. – A compaixão se opõe aos afetos tônicos, que elevam a energia do sentimento da vida: ela tem efeito depressivo. O indivíduo perde a força ao compadecer-se. [...]. Ousou-se chamar a compaixão uma virtude [...]; foi-se mais longe, fez-se dela a virtude, o solo e origem de todas as virtudes – apenas, é verdade, e não se deve jamais esquecer, do ponto de vista de uma filosofia que era niilista, que inscreveu no seu emblema a *negação da vida*. [...], Mas não se diz “nada”: diz-se (sic) “além”; ou “Deus”; ou “a verdadeira vida”, ou nirvana, salvação, bem-aventurança (NIETZSCHE, 2016, p. 13).

O cristianismo é democrático, virtuoso, salvador, misericordioso, eterno e poderoso. Tais conceitos são ilusórios, são construtos produzidos por um corpo que está enfermo, são signos sedutores para indivíduos corrompidos e malogrados. O que Nietzsche percebe é a deterioração do tipo de homem cristão por meio desses conceitos. Dissecando todos os conceitos provindos do cristianismo, o filósofo esclarece que esses signos são interpretados e absorvidos pelo corpo tornando-o “espírito convicto”, “crente”, que manifesta estados de saúde patológicos. Não nos enganemos:

Grandes espíritos são céticos. Zaratustra é um cético. A fortaleza, a liberdade que vem da força e sobreforça do espírito, *prova-se* mediante o ceticismo. Homens de convicção não devem ser levados em conta em nada fundamental referente a valor e desvalor. Convicções são prisões. Eles não veem longe o bastante, não veem *abaixo* de si: mas para poder falar sobre valor e desvalor, é preciso ver quinhentas convicções *abaixo* de si – *atrás* de si. (NIETZSCHE, 2016, p. 64).

Os valores niilistas<sup>9</sup>, para o filósofo dionisíaco, são exemplos das condições vitais dos indivíduos e dos povos que continuamente tiranizam os instintos, porque as suas tendências às ilusões os direcionam a produzirem símbolos fictícios e místicos criando utopias metafísicas. São espíritos convictos os que têm uma visão limitada para o que é real e uma visão distorcida e alienada para o que não existe. Esses espíritos, para Nietzsche, não pertencem a si, eles necessitam de alguém para comandá-los. Seus instintos estão corrompidos, “é uma expressão de abnegação, de alienação de si” (NIETZSCHE, 2016, p. 12).

### Considerações Finais

Uma religião que tem a pretensão de acumular poder e precisa reunir o máximo de fiéis possível, não pode ser discriminatória. Nas construções mais elaboradas das sociedades, desde as mais antigas até as atuais, ecoam processos de sintomas causados pela religião cristã. O cristianismo vem transformando-se, adaptando-se de acordo com o tempo e as gerações vindouras, para que o controle e o espírito de rebanho permaneçam sobre o domínio dos sacerdotes.

Uma civilização domesticada, um tipo de indivíduo que tem a crença em uma entidade metafísica, é o tipo de homem que Feuerbach e Nietzsche caracterizam como indivíduos doentes. Para Feuerbach, o Deus cristão é a vontade subjetiva querendo ser Deus, não tem uma existência em si. Deus é o homem subjetivado. Para Nietzsche, o conceito de Deus é uma contradição da vida, uma hostilidade à vontade de vida, à vontade de potência.

Conforme assinalado, os dois pensadores condenam o cristianismo por ser uma religião niilista, ou seja, a negação da vontade de vida e a supervalorização para uma mentira chamada “além”. Daí que nada existe fora da natureza, nada se cria do nada. Não existe um Deus criador, um além-mundo. Sendo assim, a distinção que o cristianismo impôs à humanidade entre homem e natureza deve ser abolida.

Como se percebe, tratam-se de duas teorias corajosamente elaboradas, que não temem a confrontação, sobretudo, porque foram filosoficamente bem articuladas

---

<sup>9</sup> “O niilismo é considerado por Nietzsche, [...] como uma doença da vontade humana, que surge na antiguidade. Da perspectiva fisiológico-médica, a anamnese refere-se à anarquia e ao empobrecimento dos instintos vitais, que geram valores morais negadores da natureza”. (ARALDI, 2016, p. 326).

e fundamentadas. Os dois pensadores correram riscos diante do contexto filosófico no século XIX, em que predominava a supremacia do idealismo alemão. A religião cristã era supervalorizada filosoficamente por Hegel. Feuerbach e Nietzsche assumiram a responsabilidade de dissolver valores que estavam enraizados na cultura ocidental desde Platão e foram potencializados e superestimados com o cristianismo. A filosofia de ambos abre caminho para as filosofias da contemporaneidade. Destruir valores e conceitos que a mente e o corpo interpretaram e absorveram como uma segunda pele ao longo de milênios, para muitos pensadores, é um insulto à humanidade. Mas é tarefa do filósofo observar, interpretar, analisar e questionar os valores e os conceitos impostos por qualquer sociedade. Feuerbach e Nietzsche fizeram isso.

### Referências

BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche e o Corpo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

BARROS, Fernando R. de Moraes. **A Maldição Transvalorada**. O Problema da civilização em O Anticristo de Nietzsche. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A primazia da Natureza ante o espírito. **Trans/Form/Ação**. v. XXXII, n. 2, 2009, p. 119-133.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. **Philosophos**, Goiânia, v.15, n. 2, jul./dez. 2010, p. 57-82.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2007.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas: Papyrus, 1989.

FREZZATTI JR., Wilson Antônio. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

FREZZATTI JR., Wilson Antônio. **A fisiologia de Nietzsche**. A superação da dualidade cultura/biologia. Ijuí: Unijuí, 2006.

GEN, Grupo de Estudos Nietzsche. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

MELO, Regiany Gomes. Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada. **Intuitio**. Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2011. p. 224-236.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**: Maldição ao Cristianismo. Tradução de Paulo Cesar de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Artigo recebido em: 26/03/2021.  
Artigo aprovado em: 04/06/2021.